

**TERESINA ETC.**

## **Pistas para ressignificar uma obra com a “parte negra da história”**

por Giovana Xavier

*Ela do mundo só conhece a parte negra e tem uma vaga lembrança do belo e doce, que no entanto deve ter experimentado inicialmente no seio da família; por isso não sabe dobrar-se à persuasão de que Deus lhe quer bem, mesmo dando-lhe tantas amarguras; e embora culta e estudiosa, acha que a existência humana é uma simples excursão nesta terra.*

Antonio Candido, *Teresina etc.*

*Teresina etc.*, de Antonio Candido, é um livro audacioso, inovador e inquietante. Audacioso porque seu célebre autor investe na missão de tratar de temas díspares em uma só brochura. Daí me dou conta de que estou diante de uma pegadinha: sentada de frente para um livro com muitos outros dentro — e será preciso lidar com todos eles.

Como leitora, acompanhei abismada o movimento intelectual do escritor, de dar vida a verdadeiras empreitadas: biografar a trajetória da amiga Teresa Maria Carini (1863-1951), ativista socialista italiana que migrou para o Brasil nos anos 1890 junto com o marido, o violoncelista Guido Rocchi; cobrir a história de movimentos sociais de esquerda e de direita como anarquismo, socialismo, integralismo e fascismo, a partir da apresentação das ideias de personagens de referência como Edgard Carone, Karl Marx, Plínio Salgado

e Mussolini; percorrer a evolução do pensamento social brasileiro, mapeando as ideias de pensadores como Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Olavo Bilac, Sílvio Romero; analisar a obra *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda; e, por fim, contextualizar, por meio de um balanço crítico, o surgimento e o desenrolar da revista literária *Clima*, com seus treze números que circularam em São Paulo entre abril de 1941 e novembro de 1944.

Minha inquietação no diálogo com Candido provém do “impulso de afetividade” que me moveu na leitura, para usar uma categoria buarquiana que o próprio autor de *Teresina etc.* assinala. Como uma historiadora da história intelectual de mulheres negras, quero dizer: é inquietante ler 160 páginas em que mulheres negras inexistem como objeto, muito menos como sujeitas de conhecimento.

Em diálogo com Saidiya Hartman (*Vidas rebeldes, belos experimentos*. São Paulo: Fósforo, 2022) e seu conceito de “fabulação crítica da história”, autorizo-me, diante da minha inquietação, a traçar conexões entre Antonio Candido (1918-2017) e Carolina Maria de Jesus (1914-77). Uma dupla de intelectuais que, além de contemporâneos, estavam engajados numa mesma causa: interpretar o Brasil e sua história.

Candido, à luz de uma história intelectual de “homem cordial”, usando uma categoria de Sérgio Buarque de Holanda, forjada em sua rica trajetória em universidades, movimentos literários, viagens pelo Brasil e pelo exterior. Já Carolina, iluminada pelo que entendo

---

**“Candido comprova o quanto podemos aprender com as mulheres, suas histórias de alegrias, lutas e sofrimentos. Um arquivo humano negligenciado pela ciência tradicional, pretensiosamente neutra.”**

ser a sua magnífica “ciência do lixo”, que lhe respaldou para tecer um sentido de intelectualidade singular, sentido esse pautado na sua experiência de mulher negra da classe trabalhadora que, contrariando a tudo e a todos, deu uma lição de equilíbrio, definindo o papel e as letras como prioridades de vida do pobre. No best-seller *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, a escritora, fazendo uso do seu lugar de intérprete, analisa a desigualdade: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde (as pessoas ricas) jogam os lixos”.

Ler *Teresina etc.* “sem jogar fora o bebê com a água do banho”, como diria minha avó, levou-me a pensar menos em antirracismo, machismo etc. e mais em criatividade, observando processos de produção de conhecimento relacionados a temas muito bem trabalhados no livro: arte, biografia, emancipação feminina, guerra, literatura, movimentos sociais, produção científica, entre tantos outros, esmiuçados a partir do que Candido reconstitui das subjetividades da amiga na primeira parte do livro, “Teresina e os seus amigos”. Em seguida, observando seu próprio ponto de vista de escritor, leitor e intelectual público, talhado em sete pedaços: “Radicais de ocasião”, “Feitos da burguesia”, “O congresso dos escritores”, “A verdade da repressão”, “Integralismo = fascismo?”, “*Raízes do Brasil*” e “*Clima*”. Tais temas e as ferramentas analíticas usadas pelo autor são inspiradoras para pesquisar a “parte negra da história” como parte da história do Brasil.

Conectar intelectualmente Candido e Carolina nos ajuda a enxergar que é uma perda tanto para pessoas negras quanto brancas que a categoria “intérprete do Brasil” esteja restrita ao masculino, branco, heteronormativo, de idade avançada — ou, nas palavras de Candido, “os homens que estão um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinquenta anos”. Saímos perdendo a dimensão humana da história, com a diferença que a comunidade negra

tem um histórico de desvantagens que nos empurra a “fazer uso criativo da margem”, como assinala a socióloga Patricia Hill Collins (*Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019). Um uso ilustrado pela possibilidade de colocar Carolina Maria de Jesus e Antonio Candido para partilharem em um mesmo texto seus pontos de vista sobre o Brasil. Ação intelectual que dá sentido à minha presença nesta brochura e que, sem dúvida, também se justifica pela admiração e reconhecimento que nutro por Antonio Candido e seu legado à história brasileira.

Lembrei-me do encanto que, como estudante de história na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no final dos anos 1990, suas proposições em *A formação da literatura brasileira* despertaram em mim. Tanto que, inspirada por elas, dediquei os primeiros anos de minha caminhada científica ao estudo da literatura como documento histórico. Origina-se daí minha dissertação de mestrado *Coisa de pele: Relações de gênero, raça e mestiçagem feminina na literatura brasileira (1890-1910)*, defendida em 2003 no programa de pós-graduação em história social da UFF, orientada pela professora Rachel Soihet, historiadora da primeira geração de feministas brasileiras, contemporânea de Antonio Candido.

Além de me fazer lembrar de meu processo de formação acadêmica, *Teresina etc.* acendeu-me novas formas de pensar o Brasil da virada do século XIX para o século XX. Ao biografar em minúcias a história pessoal e a trajetória ativista de uma mulher, imigrante italiana, amante das óperas “leves e cômicas” como as de Pergolesi, Mozart e Donizetti, e apaixonada por gatos (tanto que fazia pequenos amuletos com “unhazinhas e bigodinhos” antes de enterrá-los), Candido comprova o quanto podemos aprender com as mulheres, suas histórias de alegrias, lutas e sofrimentos. Um arquivo humano negligenciado pela ciência tradicional, pretensiosamente neutra.

Ao praticar o generoso gesto de biografar Teresina, amiga com quem conviveu entre os anos de 1931 e 1951, conforme atestam

cartas e cartões postais trocados entre ambos, Candido nos deixa passear por capítulos da história do Brasil que vão desde a epidemia de febre amarela na virada do século até as lutas pela “emancipação política e sexual” feminina, passando pela criação da Liga Operária Internacional, em 1914. Tudo isso sob a ótica de uma mulher que morreu acreditando que “livro era feito para circular” e que se referia ao Partido Socialista Brasileiro como “o nosso partido”.

O sensível e dedicado trabalho de reconstituição das subjetividades de Teresina explica por que Antonio Candido ocupa um lugar especial em meu coração. Trata-se de um autor inspirador para a escrita de novas histórias em um caminho pavimentado pela certeza de que, nas palavras da grande Carolina Maria de Jesus, “quem não tem um amigo, mas tem um livro, tem uma estrada”.



**Giovana Xavier** é escritora, bailarina e professora da faculdade de educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É historiadora dedicada ao estudo da história intelectual de mulheres negras e autora dos livros *História social da beleza negra* (2021), *Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição* (2021) e *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando a própria história* (2019).